

ALDO VANNUCCHI (*)

POR UMA

COSMOLOGIA

LATINO-AMERICANA

ABSTRACT

This article tries to present some paths of reflexion and action for the set of a cosmology from the start point of Latin America.

RESUMO

O presente artigo tenta apresentar pistas de reflexão e ação para o estabelecimento de uma cosmologia a partir do enfoque da América Latina.

(*) Professor de Filosofia Geral: Problemas Metafísicos, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba.

POR UMA COSMOLOGIA LATINO-AMERICANA

Introdução

Embora formulado, propositadamente, de forma desiderativa, o título acima pode provocar pelo menos duas irritadas observações: - Mas como, se o saber filosófico é essencialmente busca do universal? E desde quando a cosmologia pode ser reduzida aos particularismos regionais, sem se desfigurar?

Não querendo escapar à polêmica, mas também sem perder tempo com ela, cremos que o substantivo e o adjetivo que integram o título deste estudo, têm sua razão de ser. Se os gregos fizeram cosmologia a partir do seu espaço continental-insular, por que outros povos não poderão também tentá-lo, em outro chão e sob outros céus, ainda mais agora, neste final do segundo milênio cristão, com as Ciências Naturais tão desenvolvidas e equipadas?

"Falar de uma filosofia latino-americana não significa falar de uma filosofia para a América Latina ou para os latino-americanos; antes significa a possibilidade de de uma visão crítica e universal, uma alternativa dentro de uma situação histórica." (Alejandro Serrano Caldera, "Filosofia e Crise" - Pela Filosofia Latino-Americana, Vozes, pág.26 e 27).

Por que não enfrentar o desafio de uma efetiva universalização da Filosofia ocidental, patrimônio exclusivo do Mediterrâneo, desde os gregos, e nos tempos modernos apenas europeia? Já é mais que tempo

de enxergar o mundo como realmente ele é: centro e periferia. Ao óbvio dessa imagem geométrica precisa corresponder o exercício real da análise do pensamento europeu estabelecido e predominante e da voz emergente dos povos subdesenvolvidos porque explorados.

Nem cause estranheza que essa voz nascida na e da periferia ainda use basicamente a linguagem do centro hegemônico. Não poderia ser de outra forma, "como o escravo que fala a língua do senhor quando se revolta, ou a mulher que sem saber se exprime dentro da ideologia machista quando se liberta" (Enrique Dussel, "Filosofia da Libertação", Loyola-Unimep, pág.7).

Por fim, cumpre esclarecer que refletir sobre cosmologia na perspectiva latino-americana não significa firmar posição exclusivamente circunscrita ao nosso Continente. Muito dela valerá também para outras regiões oprimidas do mundo contemporâneo.

Qual o conceito de Mundo que recebemos?

Desnecessário relembrar aqui toda a história da nossa colonização, com seus aspectos positivos e negativos, para se perceber que a dominação ideológica do europeu, "dilatando a Fé e o Império", se, primeiramente, arrebatou aos nativos sua língua, sua palavra, suas crenças, suas estruturas sociais, foi também, concomitantemente, invadindo, desfigurando e desmantelando seu mundo físico.

A pouco e pouco, das primeiras escolas dos jesuítas e franciscanos até os seminários

rios, na catequese como no ensino em geral, disseminou-se entre nós uma cosmovisão tradicional, única, só a partir do século XIX contestada.

Sucintamente, as etapas e os componentes dessa visão podem ser apontados na divisão helênica, no espírito medieval-cristão e no pensamento da Renascença.

Quando os gregos falavam do cosmos referiam-se eles a um todo ordenado que se sobrepôs ao caos. Foi sem dúvida um modo otimista de encarar uma realidade inabarcável pela inteligência humana e ao mesmo tempo a ela imprescindível. Por outro lado, essa concepção já era uma sacralização do status quo. O mundo parecia bem arrumado, bem feito. Todas as alterações possíveis ficariam por conta da própria "physis", força inerente a ele, eterna, divina mesmo.

Na Idade Média cristã, houve, sob este aspecto, a dessacralização. A terra, de princípio "informe e vazia", criada por Deus, perde seu caráter divino. É uma realidade finita a ser trabalhada pelo homem com os cuidados que um jardim merece. Por outro aspecto, porém, o poder político, totalmente submisso ao poder religioso, garantiu a intocabilidade da terra. Os mares estariam abertos apenas aos aventureiros e audaciosos e o chão de morar e de plantar ficaria nas mãos de uma oligarquia privilegiada, feita de clérigos e de nobres. Ao povo mesmo restaria a consolação de ser os servos da gleba...

Veio depois o Renascimento e com ele a autonomia e o poder do homem sobre a terra cresceram enormemente. A Natureza, obra ainda

considerada de Deus, passou a ser matéria observável matematicamente e mecanicamente controlável. De Copérnico a Descartes, passando por Galileu, firma-se soberana a convicção de que o mundo é uma imensa máquina, ou seja, uma admirável e decifrável coordenação de partes e de peças, todas entrosadas e impelidas para um fim determinado, graças a um espírito que lhe é exterior e superior, isto é, o Criador divino.

Mas a projeção da máquina como símbolo-chave da explicação do Mundo cresce de tal forma com o uso da energia mecânica e a revolução industrial que se chegará por fim, com o Capitalismo, à idéia utilitarista de que o Mundo, se precisou de Deus para existir, hoje é dos homens que sabem e podem trabalhá-lo como proprietários (os homens bem sucedidos) ou proletários (os menos capazes).

Assim, ao final do século XVIII - o das Luzes, se delineia definitivamente a concepção cosmológica dos tempos modernos. O progresso da Ciência e a laicização crescente da Filosofia desembocaram numa confiança eufórica na Razão, excluindo de vez as tentativas frustradas de Descartes e seus descendentes intelectuais, preocupados em resolver o velho dualismo "matéria e espírito", sempre apelando, de uma ou outra forma, para o poder divino. Nesse contexto, com o desenvolvimento dos estudos históricos de um lado, e o crescimento acelerado das descobertas paleontológicas do outro, deu-se o aparecimento de um novo termo mágico, chave explicativa de tudo - a Vida. O Mundo passa a ser visto apenas como matéria em permanente evolu

ção vital. Prevalece agora o modelo biológico, de base positivista e enfoque evolucionista.

Nosso objetivo

Essa bagagem cultural recebida, inclusive a cosmológica, não impediu que os povos da América Latina tivessem sua voz específica, brotada de padrões culturais próprios, diferenciados. Dentro dessa cultura típica, a Filosofia também pode e deve aflorar e afirmar-se como não dependente, embora não excludente, com relação a filosofias alienígenas, máxime a centro-europeia. Não se trata de xenofobias nem de jacobinismo, mas de um mais que justo e necessário esforço de autoconhecimento. O filósofo genuíno tem que ser, ao mesmo tempo, cidadão do mundo e de sua terra. Não poderá esquecer a realidade universal nem a nacional. Mas é a partir desta que trabalha. Ora, essa realidade há de ser lida e interpretada com criatividade, dentro da própria práxis, à luz dos objetivos de problematização radical, inerentes à Filosofia.

Assim sendo, o escopo deste estudo, mais que a reflexão teórica, é a libertação realizável com o auxílio dela. Não basta pensar o mundo latino-americano. Precisa transformá-lo, para que não se perpetue como espaço de opressão, mas sim de realização humana.

Uma cosmologia latino-americana, mais do que transplante e aculturação nativa de cogitações eurocêntricas, deverá ser reflexo e crítica da realidade dos nossos

países, com todas as suas dimensões e desdobramentos políticos, econômicos e sociais.

Não é a terra, o chão, a propriedade fundiária o alvo predileto de todos os dominadores? E por que a tônica do discurso dos que exploram e empobrecem milhões é sempre a defesa do "sagrado" direito de propriedade? Em contrapartida, quem mais reflete sobre a libertação e sonha com ela, são precisamente os sem terra, os marginalizados do mundo, os desenraizados do solo natal, aos quais se nega até mesmo espaço para viver (num território tão grande e tão rico!).

Fique, pois, bem claro, que o objetivo deste artigo é assumir uma postura crítica em face da nossa realidade física (componente básico do status quo da sociedade latino-americana), de que a ideologia liberal e o sistema capitalista se apossaram; postura crítica conjugada com a referência à práxis libertadora (política, pedagógica, religiosa, profissional...) e a um interesse exigente pela eficácia dentro de uma situação insustentável.

Pistas de ação e reflexão

Definido o nosso objetivo, esboçemos alguns caminhos teórico-práticos dessa postura cosmológica latino-americana.

1) Propedêuticamente, para a adequada análise da nossa realidade é preciso optar pela lógica dialética, ou seja, a lógica do ser negado. Se é histórico que nossas terras foram usurpadas e (continuam) saqueadas pelo poder alienígena (Cf "As Veias Abertas da América Latina", de Eduardo Galeano);

se é verdade que, por isso, a fome, a violência, a doença, a marginalização povoam a nossa realidade, então é claro que ela é o ser negado, não como sinônimo do nada, mas como um dado que se caracteriza mais por privações injustas do que por desenvolvimentos e perfeições próprias. O que nos desafia não é o não-ser, mas o ser ferido e vilipendiado.

Para a Filosofia Latinoamericana é fundamental questionar essa negatividade para combatê-la e superá-la quanto antes: - "Si esta experiencia lo es de la nada (no como simple carencia sino como privación) el sentimiento motor de la filosofia no puede ser (como en Grecia) la admiración sino el horror; y como no es 'horror vacui' sino horror ante la privación injusta no provoca angustia existencial sino tristeza, y superándola indignación y repulsa" (Trigo, Pedro, "Filosofia Latinoamericana", em Revista Anthropos, jan.-junho 1984, pág.5, Los Teques, Venezuela).

Pensar, aqui e agora, a totalidade do mundo físico como se ela fosse sem contradições, ou ainda como se ela fosse um dado inócuo na reflexão metafísica e indiferente ao existir humano, ou enfim como se fosse válido, hoje, (será que o foi algum dia?) abranger o mundo apenas em termos aristotélicos, representa, sem dúvida, privilegiar a identidade e a generalidade, fechando os olhos ao concreto e ao particular, onde acontece a hora e o lugar do povo latino-americano.

Por outras palavras, queremos uma cosmologia que opere nítida ruptura epistemológica com relação às exposições acadêmicas

cas, tradicionais, abstratas, e sobretudo com relação às ideologias dominantes, envolvendo, por conseguinte, o risco típico dos primeiros passos numa nova direção e da crítica ao que se convencionou como certo e seguro. Partimos do pressuposto de que: a) a Filosofia ou respeita o concreto e repercute na práxis política ou não é Filosofia; b) o mundo para nós só tem sentido como habitat verdadeiramente humano; c) o mundo natural jamais poderá ser assumido como justificador da ordem imposta.

2) Uma constante da filosofia livresca é a *falsa*, mas tão curtida, *contradição entre realismo e idealismo*, como se Consciência (Subjetividade) e Mundo (Objetividade) não se exigissem mutuamente. Nesse debate, o filósofo latino-americano quer ser objetivo e direto. Primeiro, ele supõe a anterioridade real, ontológica e cronológica, do cosmos; em segundo lugar, afirma, com ênfase, que neste mundo - totalidade e unidade de realidades contraditórias - é que se existencia criadoramente, a vida humana; e por fim, insiste num conhecer-criar do homem que não paira no nível teórico, porque opera no movimento histórico seu e do mundo, com todas as implicações que esse movimento acarreta.

Parece óbvio que uma autêntica visão cosmológica não deve separar e muito menos sonegar os conflitos entre o desabrochamento pessoal-social e a realidade física em que se vive, já que dela emergem e nela ecoam contradições econômicas, políticas e sociais indissociáveis.

3) Claro que o cosmos preexistiu à humanidade, mas foi só a partir dela que ele

ganhou sentido, numa relação dialética sem fim. Sem o homem não se explica o cosmos, mas sem o cosmos o homem não aparece.

O cosmos, porém, representa para nós uma condição de possibilidade, um horizonte de vida, não a nossa "archê" nem a nossa "ratio". "O homem não nasce na natureza. Não nasce a partir dos elementos hostis, nem dos astros ou vegetais. Nasce do útero materno e é recebido nos braços da cultura. O homem, por ser um mamífero, nasce em outro e é recebido em seus braços... O peixinho deve defender-se sozinho nas infinitas e hostis águas que o cercam. O homem, ao contrário, nasce em alguém, e não em algo; alimenta-se de alguém, e não de algo" (Dussel, obra cit., pág.24).

A verificação desse dado tão natural leva-nos, primeiro, a atenuar bastante a insistência da filosofia tradicional na relação homem e "physis" e, paralelamente, a privilegiar o enfoque essencialmente cultural da existência humana dentro do mundo.

4) Entendendo Cultura como toda e qualquer transformação efetuada pelo homem na Natureza, logo se nos descortina uma estrada de real valia: a *desmistificação do mundo*. Se a cosmologia européia moderna, tanto a materialista como a idealista, foi um processo de recusa progressiva do criacionismo como chave hermenêutica do universo, o que realmente ela conseguiu foi a fetichização da matéria de par com o endeusamento da razão. Criar é fazer algo existir sem antecedente nenhum. Criar é, pois, dar início ao que não existia ainda e que poderia nunca existir. Contra essa contingência evidente do mundo, da terra, do sol, dos seres

todos, da vida inorgânica como orgânica, a filosofia do centro político e da metrópole cultural rebelou-se. Não fica bem aos que estão por cima aceitar e proclamar precariedades. Fez-se então o oposto: - Viva a Matéria! - Viva a Idéia! - Viva o Mundo! Divinizaram-se de novo as forças físicas (do átomo ao cérebro humano), como o fizeram gregos, romanos, egípcios, astecas, incas e maias.

Em contrapartida, hoje, o que os povos dominados da América Latina pretendem não é nada mais do que isto: se a terra é contingente, nada pode ser eterno entre nós, nenhuma visão cosmológica, nenhum sistema filosófico, nenhum regime político...

5) O homem é um ser de carência. Sem satisfazer um sem-número de necessidades biológico-culturais, não sobrevive. Por isso o mundo não lhe é apenas berço e túmulo. Entre esses pontos extremos, desdobra-se o mundo-alimento (a caça, a pesca, o fruto da terra, o pastoreio...), o mundo-vestuário (abrigo e adorno), o mundo-casa (proteção, intimidade), o mundo-arma de defesa e ataque (a rocha, a flecha, o tronco...), mundo, no entanto, que não se entrega de graça ao gênero humano. Não será sem o exercício de sua energia, muscular e cerebral, isto é, não será sem trabalho que o homem irá sobreviver ou viver sobre este mundo. Não basta, porém, um "viver sobre" reduzido a mero sobreestar à pura matéria. É preciso que se saiba e que se possa viver sobre a dominação vigente, lutando, no nosso caso, contra o sistema capitalista que é mestre em investir o mínimo para obter o máximo e em desfigurar o ato produtivo

gesto escravo, pelo qual o nosso natural estado de necessidade se degrada em aviltada situação de miséria.

Não tenhamos ilusão: sobreviver é um modo de produzir. E hoje o modo de produzir, em nosso Continente, depende por completo do capitalismo imperialista, sempre hábil em inocular, como panacéia, a ideologia do desenvolvimento. ("Os países atrasados precisam imitar o modelo dos países desenvolvidos"), quando, na verdade, o nosso subdesenvolvimento procede de uma injustiça estrutural internacionalizada, que se identifica, por exemplo, no baixo preço pago às nossas exportações.

6) Nessa ordem de idéias, parece-nos oportuno apontar ainda uma última linha de reflexão e trabalho para a constituição de uma cosmologia latino-americana, uma linha que chamaríamos de *bio-ecológica*.

Hoje, torna-se dia a dia mais claro que se, de um lado, o Capitalismo espalha, de miurgicamente, riquezas, por outro lado o seu feitio necrofílico desenha-se cada vez mais negro. Num mundo onde a Filosofia e as Ciências conseguem privilegiar sempre mais a Vida, como o valor máximo da natureza, salta aos olhos e causa repulsa verificar que ainda se acredite na via capitalista para se avaliar e se desenvolver a terra.

Cabe, sem dúvida, ao homem explorar economicamente a natureza. Assim deve ser e assim sempre se fez. Mas, a partir da Revolução Industrial, quando a natureza foi brutalmente desposada pelo capital, o que se deu foi a institucionalização do abuso

e do saque. O mundo como recurso econômico, como matéria prima, como riqueza do homem passa a ser desfrutado não por quem trabalha a terra, mas pelo seu dono ou especulador. E assim acontece atualmente o paradoxo de vermos como vencedores e superiores precisamente aqueles países que mais depredam a natureza, enquanto o preço altíssimo desses crimes de superprodução e superconsumo, de contaminações e desperdícios, de devastações e irracionalidades, é sofridamente pago pelos povos periféricos e dependentes. Daí a conclusão pertinente de Dussel: "A libertação política da periferia parece ser então a condição essencial da possibilidade da regeneração do equilíbrio ecológico natural, se se trata de libertação, de afirmação da exterioridade cultural e não somente de imitação do processo econômico e tecnológico destrutivo do centro. Seria a autêntica humanização da natureza, da cultura na justiça" (Obra cit. pág.123).

Conclusão

Iniciando suas reflexões sobre a cosmologia deste século, na Inglaterra, Collingwood ponderou que "todos os grandes filósofos... escrevem como se vissem as coisas do alto de uma montanha" ("A Idéia da Natureza", Lisboa, Edit.Presença, 2a. ed., 1976, pág.253). Concordamos. O verdadeiro filósofo tem mesmo que ser desapaixonado e objetivo. Mas, posto lá no "alto da montanha", não corre ele o risco de se encerrar nas próprias idéias e visões, distanciando-se dos traços característicos do seu objeto de estudo?

O tema da cosmologia não pode ser a natureza ou o mundo como *simples conceitos*. Tem que ser o mundo em que vivemos e que vivemos. Tanto as Ciências Naturais como a Filosofia não se constituem nem se desenvolvem independentes dos fatos acontecidos, observados e interpretados (daí, aliás, as teorias) no mundo, o que equivale a dizer, num determinado campo geográfico e num contexto histórico específico.

Se esse raciocínio é válido, como descartar a tentativa de uma reflexão cosmológica latino-americana, hoje? Ou será que só vale regionalizar e temporalizar à distância, no tempo e no espaço, aludindo a filósofos jônios, cosmologia medieval, pensamento ocidental, filosofia alemã?...

Para finalizar, se, pela modéstia deste ensaio, ainda perdurar no leitor a impressão de que estamos perdendo tempo e trabalho com uma filosofia excêntrica, só nos resta agradecer o acertadíssimo apelativo. É isso mesmo: o que desejamos, o que precisamos ir decididamente construindo é mesmo uma cosmologia realmente *ex-cêntrica*, isto é, que se desliga do imperialismo do Centro e lhe diz adeus, como um filho ou um discípulo que se emancipa, não para suprimir e maldizer seu passado, mas para superá-lo dialeticamente, na justa e nobre tentativa de descobrir o seu próprio caminho.

===